

Esperança no futuro da cidade e do País

DF-Brasília
038
Reportagem 0066

Arquivo Público

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Primeiro escriturário do Banco do Brasil no quadro efetivo de Brasília, Benoni Dias Beltrão ainda se lembra da onda de curiosidade e pessimismo que as notícias sobre a construção da nova capital federal provocava no país. Benoni ouviu falar de Brasília, pela primeira vez, pela imprensa. Lembra-se das críticas de Carlos Lacerda ao projeto de Juscelino Kubitschek e do descrédito: "Os membros da União Democrática Nacional duvidavam que o lago Paranoá atingisse a cota 1000, necessária para navegação", recorda-se.

Nessa época, o bancário de 22 anos não imaginava que sua trajetória profissional o colocaria entre os primeiros privilegiados a saciarem a curiosidade de conhecer Brasília. Natural de São João Del Rey, não esperava deixar o Rio de Janeiro, onde trabalhava no Banco Nacional, em direção ao Planalto Central. O convite surgiu nos primeiros meses de 1957. Com o salário dobrado, Benoni seria tesoureiro da primeira agência do banco no futuro Distrito Federal.

O que poderia ser um choque

tornou-se fascínio para este senhor de 68 anos. Saído do centro do Rio de Janeiro, na época áurea da Cidade Maravilhosa, Benoni desembarcou em uma Brasília que só tinha a pista de pouso do aeroporto, uma estação de passageiros de madeira e muita poeira. Era março de 1957. Como os outros funcionários do banco, que aceitaram o desafio de participar da empreitada da construção da nova capital, a primeira moradia de Benoni foi um alojamento de madeira na antiga Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante.

Benoni se lembra com carinho das dificuldades que enfrentava no cotidiano simples da cidade. "Aqui não tinha nada, só trabalho", diz. "O que trazia as pessoas para cá era o desejo de lucro", completa. Vivendo à luz da energia a diesel, numa cidade onde só havia homens, trabalhadores sem família, aos poucos a aposta de JK envolvia todos que aqui estavam. "A gente vinha por dinheiro, mas depois se apaixonava pela vida não convencional da construção, passava a sonhar com o futuro da cidade e do país. Um

sentimento inexplicável", emociona-se o pioneiro.

A carreira de Benoni na agência regional do Banco Nacional foi curta. Dois meses depois, aprovado em concurso, passava a integrar o primeiro quadro de funcionários do Banco do Brasil na nova capital.

Aos poucos, o desenho de Brasília começava a ser traçado e as primeiras construções do Plano Piloto eram iniciadas. Benoni via tudo acontecer e acompanhava o movimento da cidade. Em agosto de 1960, tornava-se um dos primeiros moradores

**BENONI CHEGOU A
BRASÍLIA QUANDO
SÓ HAVIA A PISTA
DE POUSO DO
AEROPORTO, UMA
ESTAÇÃO DE
PASSAGEIROS DE
MADEIRA E MUITA
POEIRA**



PIONEIROS

A carreira de tesoureiro do Banco Nacional na nova capital durou pouco. Dois meses depois da chegada, foi aprovado no primeiro concurso do Banco do Brasil em Brasília

BENONI COM A MULHER, FILHOS E NETOS EM SUA CHÁCARA EM SOBRADINHO



de Brasília. A saída do Núcleo Bandeirante foi coroada pelo casamento com sua primeira esposa Ângela Maria Prates. Mineira como ele, os dois se conheceram, em 1959, durante uma viagem de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, nos trens da Central do Brasil.

A curiosidade de conhecer Brasília e o amor pelo futuro marido, fizeram com que Benoni não precisasse convencê-la a acompanhá-lo. Os dois iniciaram a vida de casal em uma lâmina, na Asa Sul.

Lâminas eram alojamentos grandes compostos por vários dormitórios individuais, tipo quitinetes, construídos pelo Banco do Brasil, no endereço onde hoje está a superquadra 303 Sul. Entre as lâminas havia um centro de convivência social, com bares, restaurantes e cinema. O cotidiano da cidade ganhava espaço para o lazer e a diversão.

O canteiro de obras ganhou

ares de capital com a presença das primeiras famílias de moradores e a abertura dos primeiros centros de entretenimento, como o Brasília Palace e a boate Tendinha, no Hotel Nacional. Nestes lugares, autoridades conviviam naturalmente com os pioneiros da cidade. O lazer era democrático. Assim como era a personalidade de JK. "O presidente era uma figura impressionante, extremamente carismática e simples", descreve Benoni emocionado.

O clima quente e seco da capital estimulava a busca pelos recursos hídricos do Cerrado. Assim foi a descoberta do rio Paranoá. Antes de ser represado, amenizava o calor dos primeiros moradores da cidade, aos domingos. "Já havia uma estrada que chegava perto da margem do rio", conta Benoni. "Deixávamos o Jipe ali e fazíamos o resto da trilha a pé".

“

A GENTE VINHA POR DINHEIRO, MAS DEPOIS SE APAIXONAVA PELA VIDA NÃO CONVENCIONAL DA CONSTRUÇÃO

”

Apesar do calor, o primeiro clube de Brasília — a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) —, durante muito tempo, funcionou sem as piscinas. Não eram os banhos que atraíam a população que aqui se formava para os clubes, mas os bailes e almoços que a comunidade organizava.

A primeira sede da AABB foi construída com a madeira que antes dava forma à agência pioneira do Banco do Brasil, no Núcleo Bandeirante. Benoni foi um dos responsáveis por conseguir a doação do material e sua utilização na construção do espaço para o clube. O terreno foi doado pela Novacap.

É difícil, para quem frequenta o local hoje, imaginar que na época havia apenas um grande salão de madeira com piso de cimento queimado e um barquinho ancorado no lago apelidado de *Peneirinha*.

Cronologia

Nome: Benoni Dias Beltrão
Idade: 68 anos
Origem: São João Del Rey, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: bancário aposentado do Banco do Brasil
Esposa: Leda Maria Barbosa
Filhos: Benoni Prates Beltrão, Leonardo P. Beltrão, Alexandre P. Beltrão, Luiz Henrique Barbosa Beltrão
Netos: Pedro, Júlia, Daniel, Mariana, Leandro, Juliana, Fernando, Fernanda e Bruno
Bisnetos: Não tem